

PIAUÍ, Francelino de Souza. A propósito de ótica e de óptica.
Correio Popular, Campinas, 05 jan. 1975.

A propósito de ótica e de óptica

Correio Popular

— F. S. PIAUÍ —

5.1.75

QUANDO A NOBREZA OBRIGA —

Se há, no Brasil, uma cidade em que o uso de palavras como *óptico*, *ótico*, *óptica*, e *ótica* deveria ser religiosamente obedecido, essa cidade é, **sem dúvida alguma**, a cidade em que moramos, ou seja, a cidade de Campinas, Estado de São Paulo — Brasil.

Sede de um dos maiores (senão o maior!) instituto de oftalmo-otorrinolaringologia da América Latina — o Instituto "Penido Burnier" — e onde existem dezenas de outras clínicas dessa especialidade, possuindo também 27 casas especializadas na feitura de óculos e na venda de instrumentos de *óptica*, a cidade de Campinas é senhora de indiscutível nobreza no que tange ao assunto. — Nada, pois, justifica a bagunça gráfica e a falta de precisão vocabular que a respeito de *ótica* e *óptica* campeia acima e abaixo.

Infelizmente, porém, em que pese toda a nobreza e hegemonia da cidade com relação às coisas dos olhos e dos ouvidos, a confusão ainda existe de forma bastante acentuada. Nota-se que além das muitas *ópticas* (já acertadamente usando o "p") existem ainda, espalhadas pela cidade, diversas casas do ramo (cuja especialidade é indiscutivelmente a venda de instrumentos de *óptica* e a montagem de óculos) que continuam mantendo nas fachadas as placas "*ótica fulana*"; "*ótica sicrana*" "*ótica beltrana*" etc., sem o imprescindível uso do "p", como se tais casas explorassem a fabricação ou a venda de instrumentos para os ouvidos e não para os olhos.

É interessante saber-se que, por Lei Municipal, de autoria do vereador Luiz Raphael Lot, já se acha oficializado o "*Dia do Óptico*" em Campinas, dia esse que será comemorado anualmente em 13 de Dezembro. Uma comissão constituída pelo Sr. Luiz Raphael Lot, Mário Natalli e Antoninho Curcio, nomeada pelo Prefeito Municipal, acha-se encarregada de promover as solenidades do dia 13 de Dezembro de 1975, quando a Lei entrará em vigor de forma concreta. Entretanto, os jornais locais, noticiando o evento, usaram e abusaram a expressão "*Dia do Ótico*", sem o "p", o que, em Campinas, a esta altura, já não tem mais o menor cabimento.

As palavras *óptica* e *ótica* (uma com "p" e outra sem "p") existem muito mais por necessidade do que por validade. São duas palavras distintas para significarem coisas diferentes. A primeira (*óptica*) deve ser usada **única e exclusivamente**, para coisas dos olhos, da vista, da visão, etc. e a segunda (*ótica*) para o ouvido, a audição, fenômenos auditivos, etc.

A PALAVRA DE UM CATEDRÁTICO —
A fim de prestar seu depoimento esclarecido e insuspeito sobre o assunto, convocamos o ilustre Prof. Paulo Mangabeira-Albernaz, que, para maior desafogo de nossa responsabilidade,

de, cumula três felizes coincidências — 1.a: é médico otorrinolaringologista, fundador da **Escola Paulista de Medicina**, havendo exercido a cátedra durante 33 anos como professor dessa especialidade; 2.a: é autor de centenas de trabalhos esparsos e de **três obras substanciais** sobre linguagem médica; 3.a: mora em Campinas, há quase meio século, exercendo intensa atividade não somente como médico, mas também como homem versado em terminologia médica. — A respeito dessa dúvida, vejamos o que diz o ilustre Mestre:

"Segundo os gramáticos, é isto devido a chamada **lei do menor esforço**, o que, em bom português, equivale a preguiça. Em S. Paulo é tal fato mais corrente do que em qualquer outro Estado do Brasil. Ninguém diz aqui **epiléptico** — nem os médicos! — isto é, pronunciando o **p**, e sim **epilético**. Ainda dizer, vá lá; mas escrever, é simplesmente absurdo, uma vez que a doença é chamada **epilepsia**, e ninguém pronuncia de outra maneira, a não ser tal como se escreve.

"A questão de *ótico*, como referente a **visão**, é tanto mais absurda, quanto se trata do termo técnico de física e de medicina. **Óptico**, do grego *optikós*, é termo clássico e significa, desde Aristóteles (380 antes de Cristo) "**que se refere à arte de ver, à visão; óptica**". Passou ao português por intermédio do latim, também clássico, *optice*, a *óptica*. A lei do menor esforço levou o povo em geral, sobretudo o pouco letrado, a dizer *ótica*, e a assim escrever. Ainda quando seja compreensível, até certo ponto, esta pronúncia, nada, entretanto, justifica a grafia *ótica* (sem a letra "p"), primeiro, porque se trata de um termo científico, um termo técnico; segundo, porque, assim se fazendo, vai ser criada confusão com outro termo científico — *ótico* "relativo ao aparelho auditivo", do grego *outikós* (este outro representa o **ômega grego**), que não passou ao latim. Dizemos e escrevemos **otite** (inflamação do aparelho auditivo); **otalgia** (dor de ouvido); **otorragia** (hemorragia do aparelho auditivo); **otorrécia** (corrimento do aparelho auditivo) etc. Há, pois, um termo que não possui a letra "p" com significação **totalmente diversa** do que a possui.

"Nada, por consequência, justifica escrever-se *ótica*, quando se trata de questão **visual** ou **ocular**. Aí tem de se escrever *óptica*, com "p".

Quanto à pronúncia, cada um pronuncie como quizer, tal como vemos o ouvirmo vários termos da língua, que, aliás, **está sofrendo um plano de destruição sistemática**, graças sobretudo ao péssimo ensino da língua portuguesa, mormente pelos brasileiros. Cada vez se estuda e se sabe menos o português e se lêem menos os clássicos, substituídos atualmente, em grande parte, pelos

novos — Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e outros — cujo estilo agradável, interessante e por vezes original, foge muito do vernáculo.

"Fica, pois, evidente que, pelo menos para escrever, temos que usar **óptico**, para tudo que se relaciona com a **visão**, e **ótico** (sem a letra "p"), para o que diz respeito à **audição**. Não há justificativa nenhuma para se usar a mesma grafia para os dois vocábulos, até porque há termos **médicos**, termos **físicos**, termos **técnicos** em suma, que utilizam as duas designações: **fibras ópticas**, **leis ópticas**, **nervos ópticos**; **gânglio ótico de Arnold**, **centros óticos**, **vias óticas** e assim por diante".

Assim falou Mestre Mangabeira e se falou, está falado!

CONCLUSÕES — Face ao que se disse acima e ao que argumentou Mestre Mangabeira-Albernaz, fica mais do que patente a necessidade de se usar com a distinção necessária as palavras **óptica** e **ótica**, **óptico** e **ótico**.

É interessante ponderar, todavia, que se um comerciante, **embora bem intencionado**, mas pouco afeito a questões etimológicas, põe lá em sua casa de fazer óculos ou de vender instrumentos de **óptica**, uma placa com a designativa de **Ótica Na. Sa. das Dores** ou **Ótica Século XX**, etc., isto não deve causar espanto a ninguém. O que nos deixa realmente perplexos é ver tal confusão perpetrada e perpetuada por pessoas cujo nível de instrução está acima dessas primarices. E para maior espanto é bom dizer-se que absurdos dessa ordem estão por aí em livros de física, escritos, certamente por autores que enxergam um pouco da matéria, mas são cegos em etimologia.

E não somente nos livros didáticos de autores menos avisados, mas em certos (ou duvidosos) dicionários. Num deles, (famoso, por sinal) encontramos o seguinte disparate: uma página inteira sobre **óptica**, como parte da física que trata de todos os fenômenos da visão, abordando a **óptica física**, a **óptica geométrica**, etc. Na página seguinte, longas considerações sobre o verbete "**óptico**", como sendo relativo ou pertencente à luz, ao olho e à visão. Adiante o verbete "**ótico**" como relativo à acústica à audição, ao ouvido, etc. e na mesma página a definição da palavra "**ótica**" como uma **variação popular de óptica**.

Convenhamos que tal bagunça somente poderá ser feita por um dicionário de terceira classe ou por pessoas pouco versadas em questões de língua portuguesa. É admissível também que tais disparates venham a ocorrer em qualquer outra cidade do país ou do exterior, menos em Campinas, onde **óptico** e **ótico** são palavras diferentes para significarem coisas distintas e a nobreza da cidade, neste particular, obriga que se separe uma coisa da outra.